

RESENHA

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Trad. de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Gabriela Fernanda Silva Borges¹

O livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, escrito em 1979 por Paulo Freire, explica sobre o método de alfabetização dos camponeses iniciado em 1961, e expõe a importância do diálogo, do conhecimento ao contexto social, da criticidade, da práxis em busca da liberdade e da conscientização da sociedade marginalizada e oprimida pelas elites nos processos educativos. A obra está organizada em três partes, e para uma melhor compreensão foi destacado o essencial de cada uma destas partes, conservando os fundamentos filosóficos do autor.

Na primeira parte, Paulo Freire faz um breve relato de sua história de vida e da importância de seus pais em sua formação pessoal. O autor ressalta que somente a partir de seu casamento com Elza Maia Costa Oliveira, hoje, Elza Freire, ele começou a se preocupar sistematicamente com os problemas educacionais – apesar da formação em Direito, seus estudos estavam sempre voltados para a Educação, Filosofia e Sociologia da Educação. Profissionalmente, Freire trabalhou no Departamento de Educação e de Cultura do SESI, em Pernambuco e depois na Superintendência no período de 1946 a 1954, onde lhe foi oportunizado as primeiras experiências que o conduziram ao método iniciado em 1961, no Movimento de Cultura Popular do Recife. O autor relata que o Golpe de Estado de 1964 além de paralisar todo seu esforço no campo da educação de adultos e da cultura popular, também o levou à prisão por cerca de 70 dias, e destaca a onda ameaçadora de irracionalismo que se estendia sobre a nação. Neste contexto, o autor descreve as experiências em programas de alfabetização em dois países: no Brasil e no Chile. Enquanto no Brasil as ideias de Paulo Freire passaram a ser vistas como uma ameaça ao governo, no Chile o método desenvolvido por ele e considerado subversivo no Brasil, passou a ser utilizado em todos os programas de alfabetização do país. No Brasil, a situação evidenciou o quanto os políticos não se interessavam pelas massas, a não ser pela possibilidade de estas serem eleitores manipulados.

¹ Assistente de alunos do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, coordenadora de tutoria do IFTM e coordenadora de registro e controle acadêmico do IFTM - campus Uberaba. gabrielaborges@iftm.edu.br



Já no Chile, os programas de alfabetização atraíram a atenção internacional e o país recebeu da UNESCO uma distinção que o apontou como uma das nações que melhor superaram o analfabetismo. A pedagogia de Freire (pedagogia da liberdade) é direcionada à formação para a democracia, preparando os sujeitos para a análise crítica das alternativas e tornando-os aptos a escolher o melhor caminho.

Na segunda parte da obra o autor trabalha os temas Alfabetização e Conscientização, uma vez que conscientização é o conceito central de suas ideias sobre educação e está baseada na relação consciência – mundo. Nesta perspectiva, Freire destaca a importância da “práxis” e da utopia como um compromisso histórico, afinal, é atuando que se transforma. E assim, enfatiza que quanto mais conscientizados nos tornamos, mais comprometidos com as transformações e mais próximos da libertação estaremos, pois a conscientização é o olhar mais crítico da realidade. Todas as concepções e ações educativas de Paulo Freire são pautadas pela reflexão sobre o homem e uma análise de seu meio de vida, afinal a educação deve considerar a vocação ontológica do homem e as condições em que ele vive. O que essa educação propõe é a integração do homem com seu contexto e a reflexão desta integração na busca pela cultura e na criação/recriação da história. Freire defende que a conscientização deve ser o primeiro objetivo da educação, afinal, o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade se não tomar consciência da realidade e de sua capacidade para transformá-la. Com essa perspectiva, Paulo Freire descreve o processo metodológico de alfabetização desenvolvido por ele desde as fases de elaboração até a aplicação do método, levando aos atos concretos da alfabetização. Na elaboração, a primeira fase do método consiste no que Freire chamou de “descoberta do universo vocabular” – o conhecimento das palavras e expressões típicas do grupo e que refletem suas experiências e emoções. Na segunda fase há a seleção das palavras a serem trabalhadas, seguindo os critérios de riqueza silábica, dificuldades fonéticas e conteúdo prático da palavra. A terceira fase propõe situações codificadas, desafios, que levam em si elementos para que sejam descodificados pelo grupo, conduzindo à conscientização – nestas situações problemáticas se situam as palavras geradoras que podem englobar a situação completa ou referir-se a somente um de seus elementos. A quarta fase é a elaboração de fichas indicadoras. E, a quinta fase é a elaboração de fichas com as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras. Após a elaboração do material e treinamento de supervisores e coordenadores inicia-se o trabalho efetivo de alfabetização: a partir da indicação da palavra geradora abre-se o debate; propõe-se a análise da situação dada (processo de descodificação) e a visualização (não memorização) da palavra

geradora; apresenta-se a palavra separada em sílabas e também as famílias silábicas que compõem as palavras em análise – com criticidade o analfabeto começa a estabelecer por si mesmo seu sistema de sinais gráficos. Sobre este método Freire relata diversas experiências concretizadas no país, e que se estenderam através do Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, coordenado por ele na época, e que desapareceu depois do golpe militar. Para o autor a alfabetização e a consciência são inseparáveis, e por isso, todo aprendizado deve estar associado à tomada de consciência de uma situação real da vida do aluno, e a única forma de se alcançar essa conscientização é através da utilização de um método ativo de educação, um método de diálogo crítico.

Na terceira e última parte do livro, Freire esclarece sobre a práxis da liberdade, e ressalta a dificuldade dos oprimidos na busca por esta liberdade, afinal, em um dado momento de sua vida, estes oprimidos adotam uma postura de adesão em relação ao opressor – em sua alienação, os oprimidos querem parecer-se com o opressor. O autor destaca a questão do desprezo que o oprimido alimenta de si mesmo, e o quanto estes são dependentes em relação aos tidos como “superiores”, afinal, não é o dominador que constrói uma cultura e a impõe aos dominados – esta cultura é o resultado de relações estruturais entre dominados e dominador. Esta situação é extensiva do sujeito para a sociedade, e uma sociedade dependente é, por definição, uma sociedade silenciosa. Neste contexto, o aparecimento da consciência popular supõe, senão a superação da cultura do silêncio ou pelo menos a presença das massas no processo histórico que vai pressionando a elite no poder. Enquanto as massas sentem-se desejosas de liberdade, as elites buscam a manutenção do “status quo”. O autor ressalta que a opressão encontra na lógica do sistema de ensino um instrumento de aceitação “do status quo”, afinal, a ação pedagógica contribui para legalizar o abismo entre as classes. Freire postula que a pedagogia coincide com um estilo muito exato de prática social, o da conscientização, e assim como esta conscientização não pode ser neutra, a educação também não deve apresentar características de neutralidade, justamente por se apresentar como a ação do homem sobre o mundo. Nesta perspectiva, Paulo Freire ressalta a importância de se abandonar práticas baseadas em métodos bancários, onde o professor repassa/deposita e os alunos apenas recebem. A preocupação está em se desenvolver uma educação problematizadora, baseada em teoria e práticas críticas, fundamentada na criatividade, na reflexão sobre a realidade e no diálogo. Deve-se considerar o caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade – a educação deve ser continuamente refeita pela práxis e ter como seu ponto de partida o sujeito. O autor define que chegar à conscientização crítica



depende da união da ação e da reflexão, afinal, não se pode dar conscientização ao povo sem denunciar as estruturas desumanizantes na busca por uma nova realidade que possa ser criada pelos homens.

A obra de Paulo Freire proporciona uma reflexão sobre a importância do despertar a capacidade crítica e da diferença que as práticas libertadoras desempenham nesse processo. Ao apresentar o método pedagógico de alfabetização dos camponeses, o autor abriu inúmeras possibilidades de reflexões sobre a relação educação – sociedade – liberdade que, assim como foram importantes naquela época, continuam sendo justamente por estarmos em um contínuo processo de construção e reconstrução de nossa práxis. Para os envolvidos com a Educação, a presente obra é indicada como norteadora de novas ações, valorizando o contexto social e as experiências de todos os envolvidos no processo, tornando o diálogo, a reflexão e a ação consciente uma constante nas práticas educativas, e acima de tudo, valorizando o outro em busca de transformações por uma sociedade melhor – mais justa, humanizada, consciente e livre.

Recebido em setembro 2017

Aprovado em julho 2018